JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Fecho ou arremate

Maria José Monte Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Situada entre vales e serras, de solo fértil e banhada pelo rio Pacoti, Redenção tinha uma bela vista quando dela nos aproximávamos. No alto da escadaria de Santa Rita e do Cruzeiro que abençoa essa cidade, divisávamos cá embaixo uma harmoniosa visão. Hoje a paisagem foi modificada por construções irregulares, nos tirando o benefício do panorama de outrora. Tal como Acarape, ambas se descaracterizaram, de simples cidades interioranas, deu margem a um comércio que cresce desorganizado, casas de construções duplas mal elaboradas, enfim, um alvoroço de falso desenvolvimento. Não houve preocupação em crescer de forma organizada. Foram engolidas por uma ilusória ideia de progresso que aconteceu sem a menor preocupação em conservar algo que fazia parte do cotidiano dessas cidades. O descaso com o clube, a retirada do coreto da pracinha, mudança da casa paroquial que tinha uma fachada bem aprazível, antigas habitações que estão se desmoronando, como exemplo, a antiga casa do chefe da estação ferroviária no Acarape. Não é apenas questão nostálgica, mas uma contestação diante da ideia de fazer valer o novo sem discussões ou estudos ante a população, que por sua vez se deixam levar pelo que vem a ser novidade. Vejo isso como um fato cultural, pois é o que presenciamos na capital e demais cidades, um certo descaso com a memória histórica e arquitetônica.

Redenção foi pioneira nacional da abolição escrava, mas seus filhos não se empenharam para que a cidade tivesse um maior destaque nacional histórico diante de tal feito. Parte da memória se encontra nos monumentos ali erguidos, mas a data histórica deveria ser comemorada com maior ardor. Mesmo com a presença da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira) a cidade não chegou a ter repercussão ou destaque nacional como libertadora. Monumentos comemorativos da abolição em Redenção: Obelisco, na Praça da Liberdade; Busto da Princesa Isabel, no centro da cidade; Imagem de uma escrava, na entrada da cidade; Museu Senzala Negro Liberto, no Engenho Livramento; Museu Memorial da Liberdade, no centro da cidade. Na serra do Gurguri, a 12 km da cidade, ainda se encontram alguns resquícios dessa época infeliz.

A rua dos gatos

Roberta Pamplona
robertacrp@hotmail.com

A rua dos gatos, como gosto de chamar, é onde você mora, onde vocês moram. Não acho que que meu amor por eles reflita no meu amor por vocês, mas é uma adorável coincidência. Eu gosto dessa rua. Eles pulam e se esgueiram pelos portões, brincam, com suas línguas ásperas se dão banho e se deitam, para descansar. Esses tempos eu só queria me tornar um deles, um gato. Tenho a sensação de que me tornei mais vulnerável, achei que poderia enfrentar as pessoas e meus sentimentos, como um gato arisco, que não se importa, apenas não deixa ninguém chegar perto, e os gatos ficam tranquilos com isso, são independentes, talvez tenham eles descoberto sua essência? Diferente de nós, seres humanos, falhos e fracos. Queria ao menos saber me controlar, mente e corpo, mas o contrário acontece, meu corpo reage ao estado danificado de minha mente e reflete isso no meu comportamento. Andei pensando também sobre bipolaridade, meu psiquiatra nunca realmente conversou comigo, as mudanças de humor, necessidade de gastar e roubar, me irritar tão facilmente quanto perdoar e esquecer. me pergunto se eu for bipolar (o que é uma doença) faria alguma diferença na minha vida, no passado. Se minhas ações do passado foram condições dessa doença, se minhas ações do passado foram o resultado de como eu sou realmente. Eu ando tão triste, ando tão feliz, cercada de pessoas mas tão sozinha. Me perco em tantas emoções e sentimentos, se embaralham e se misturam como água, sem começo ou fim, eu não sei qual é a verdade sobre mim. Não entendo porquê funciono e me sinto dessa forma. Não quero machucar ninguém com as minhas inconstâncias egoísmo e ingratidão. Resta-me sobreviver como um gato arisco.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

O papagaio e a fera

Yáskara Félix
Estudante Rede Municipal Uruoca/CE

Em uma fazenda da qual dona Elza cuidava, havia diversos animais, porém ela tinha um em específico que era seu favorito, o Papagaio. Este era um animal esperto e muito corajoso, inclusive possuía um porte físico anormal para sua espécie, já que era maior que o comum. Qualquer movimento diferente, o papagaio se manifestava como um espião e tratava de se impor aos visitantes.

Certo dia, o Papagaio estava descansando no alpendre da fazenda, quando chegou seu amigo Porco, muito agitado:

- Papagaio, tu não faz ideia do que está acontecendo!

- Desembucha, Porco! Não vê que estou descansando!

- Eu sei. Porém, estão comentando sobre um novo animal na fazenda: grande, feroz e valente. Dizem que ele irá tomar o teu lugar aqui. Se fosse eu, tomaria muito cuidado.

-Hahaha! Olhe para mim, eu não sou apenas um papagaio, eu sou o animal mais esperto e amedrontador da fazenda, e não haverá ninguém que tirará meu trono. Sou capaz de matar este ser infeliz que pensou em me causar medo.

O Porco retirou-se, e o Papagaio ficou pensando se realmente aquilo aconteceria. Até que a noite caiu. As vacas foram aos currais; cavalos, aos estábulos; porcos, ao chiqueiro; e lá estava o grande Papagaio, no alpendre, como de costume, prestes a dormir.

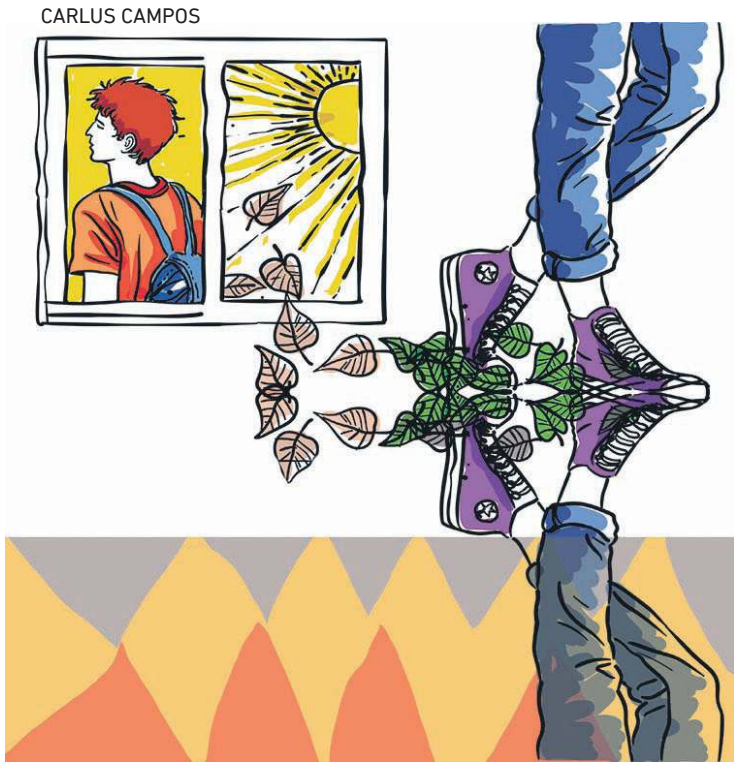
De repente, ouviu-se um barulho alto e estrondoso. Logo o Papagaio tremeu e engoliu em seco, imaginando que seria a fera valente de quem tanto falaram. Alguém parecia aproximar-se. Em seguida, a ave ouviu uma voz forte, próxima de si:

- Cadê você, Papagaio valente?

Tremendo de pavor, o Papagaio voou para o mais longe possível da fazenda. Toda a sua coragem e ego foram levados embora juntos com ele. E a fera? Era apenas um ratinho esperto, que não gostava do egocentrismo do Papagaio.

Moral: Cão que ladra não morde.

CARLUS CAMPOS



O que fica

Ana Andrade
Ex-Correspondente **O POVO**

O que fica,
o que resta depois do depois?
Resta o cuidado que temos que
reaprender a ter conosco.
Despedidas não são fáceis,
despedidas "precoces" então...
E o que fica,
o que sobra são as lembranças.
Aqueles momentos,
agora estáticos.
O que resta é o costume que
será refeito,
a rota que será recalculada.
E com tudo isso um novo hábito
se desenvolve,
cresce e fica firme.
Ai os hábitos,
esses são danados, viu, têm raízes fortes e en-ter-ra-das!
Se tornam a fortaleza
dentro de nós,
mas até reconstruí-los,
até recalcularmos e seguirmos
"esquerda volver", o que resta?
O que fica?
O que fazer com o que sobrou?
Paciência e doses de respirações
profundas são altamente indicadas durante esse processo.
E por fim a aceitação de uma
nova sina, que ainda assim,
faz parte do destino.

> O que fazer com o que sobrou?
> Paciência e doses de respirações

A diversidade atônita

Antônio Rodrigues Neri
Ex-Correspondente **O POVO**

A diversidade na favela é grande, desde da Oscar Araripe a rua Mirtes Cordeiro. O respeito é grande, a diversidade também. Diversidade de culturas, credos e sexualidades. A última vez sendo negligenciada, já que pouco se vê em políticas públicas de acolhimento e ajuda a nós todos que sofremos diariamente com o preconceito enraizado nessa sociedade patriarcal.

Me dói saber que as minhas não estão protegidas e que a justiça parece cega e atônita perante minha existência. Exigências, é isso que faço para que as minhas não morram em valas, canais, ruas e matagais, sem sua devida investigação e elucidação dos fatos. Mãe chora, família chora e o país chora. Uma cor se sobressai no nosso arco-íris. O vermelho sangue, que escorre nas ruas, nas valas e nos matagais. Sangue delas. Nosso sangue. Meu sangue.

Tua partida repentina

André Solidão
Ex-Correspondente **O POVO**

Amor,
eu não entendo tua partida tão repentina.
Tuas cinzas de cigarro fumado anteontem ainda estão no cinzeiro.
Teus cabelos ainda estão no ralo.
Teu travesseiro continua marcado com
teu rosto pelo teu sono pesado.
Tua xícara de café continua esfriando no balcão da cozinha.
Teus chinelos ainda estão voltados para dentro de casa, como se fosse importante teu ficar.
Teu amor continua dentro de mim.
E como teu café, continuo com o sentimento quente dentro de mim, tentando não esfriar para que, quando você voltar, possa de nós beber por completo.

REDE CUCA
Fortaleza PREFEITURA
FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA